

Escola Tasso da Silveira e sensíveis interpretações para a devida mediação memorial

RESUMO

O presente artigo analisa, a partir de um recorte específico, os crimes ressignificados com intervenções artístico-urbanas mapeadas em ruas da zona sul carioca. Trata-se de contribuir para a interpretação, com a posterior mediação entre estas imagens de dor e o público transeunte, os muitos modos possíveis de representar publicamente as memórias de nefastas ocorrências. Partindo de uma compreensão comunicológica flusseriana, entende-se que as intervenções fazem parte de uma prática cultural de base fúnebre ou tanatológica. O recorte referido diz respeito à ocorrência em 4 de abril de 2011, no bairro carioca de Realengo, quando um ex-aluno adentrou a Escola Tasso da Silveira e promoveu a matança de 12 crianças em idade escolar. Horrível evento que foi ressignificado em seguida, com os afetivos gestos enlutados de memória, da parte da população local e, anos depois, por parte da prefeitura, que instalou um conjunto escultórico em bronze.

Palavras-chave: Memória Social; Prática Cultural Tanatológica; Comunicologia; Mediação Cultural.

*Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). CV: <http://lattes.cnpq.br/4353223388456765>

**Doutor em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista de Produtividade de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). CV: <http://lattes.cnpq.br/7128597444325843>

Tasso da Silveira School and sensitive interpretations for proper memorial mediation

ABSTRACT

This article proposes to analyze, through a specific frame about crimes resignified with artistic-urban interventions, and which were mapped from the streets of the south of Rio de Janeiro, contribute to the proper interpretation with the subsequent mediation between these images of pain and the public passerby, in the many possible ways of publicly representing the memories of ominous occurrences. Starting from a flusserian communicological understanding, it is comprehended that the interventions are part of a funerary basis or so-called thanatological cultural practice. The aforementioned clipping concerns the occurrence on April 4, 2011, in the Carioca neighborhood of Realengo, when a former student entered the Tasso da Silveira School and promoted the killing of 12 school-age children, a horrible event that was re-signified, then, with the affectionate gestures of memory on the part of the local population and, years later, on the part of the city hall that installed a sculptural set made of bronze.

Keywords: Social Memory; Thanatological Cultural Practice; Communicology; Cultural Mediation.

Escuela Tasso da Silveira e interpretaciones sensibles para una adecuada mediación memorial

RESUMEN

Este artículo analiza, a partir de un recorte específico, crímenes resignificados con intervenciones artístico-urbanas, mapeados en las calles de la zona sur del municipio de Río de Janeiro. Se trata de contribuir a la interpretación con la consecuente mediación, entre estas imágenes de dolor, y el público que pasa, en las múltiples formas posibles de representar públicamente las memorias de sucesos nefastos. Partiendo de una comprensión comunicológica flusseriana, se entiende que las intervenciones forman parte de una práctica cultural funeraria o tanatológica. El recorte antes mencionado se refiere al hecho del 4 de abril de 2011, en el barrio carioca de Realengo, cuando un exalumno ingresó a la Escuela Tasso da Silveira y promovió el asesinato de 12 niños en edad escolar, evento horrible que luego fue resignificado con los cariñosos gestos de luto por parte de la población local y, años después, por parte del ayuntamiento, que instaló un conjunto escultórico en bronce.

Palabras clave: Memoria Social; Práctica Cultural Tanatológica; Comunicología, Mediación Cultural.



(...) *mas, se acaso a sina o determina,
Hades ou Tãtatos
sequestram corpos infantis*¹

Os versos “não há quem possa suportar / o adeus é tão triste, que não se resiste / ninguém jamais com adeus, pode viver em paz”, retirados da canção intitulada Adeus, da parceria Vinícius de Moraes e Toquinho em 1975, encerram o lamento de um nunca-mais no rançoso gosto do para-sempre. É o fim que, localizado em um ponto, estica-se e se transforma em uma linha reta em direção ao perpétuo de um possível que não mais acontecerá, a plena negação do tangível no imaterial do pensamento.

Embora não seja de bom tom começar um artigo acadêmico com um fraseado típico e críptico próprio de um fazer poético, essa introdução é justificada pela pesquisa ensejada, que ora se apresenta, tratar, por intermédio das diversas ocorrências de tristezas solidificadas nos variados suportes artísticos-intervencionistas, de sensíveis temas compartilhados em via pública: dores publicizadas em decorrência de afastamentos inesperados, nos abruptos fatos que promovem ausências. A mais longa e expressiva frase não afasta o que se quer longe nem tampouco aproxima dos sentidos táteis, senão por delírios, sonhos e desilusões, vidas queridas.

É de morte, afinal, que se escreve.

Espalhados pelas ruas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e, deduz-se, inclusive por outras localidades mundo afora, estão esculturas, placas, grafites, estênceis, pichos e tudo o mais que possa ser utilizado como suporte de memória traumática, na esfera de predominância visual, enquanto propostas necrossígnicas ou tanatológicas, que ressignificam o local, informado com óbito, com certo discurso imagético. Estes suportes são chagas abertas que marcam – e marcaram –, a partir de aleatoriedades violentas e abruptas, o contexto urbano e seus sinistros ocorridos, com a posterior culminância de atos empreendendo uma outra forma e prática de luto público. Dada a quantidade localizada (no tempo e espaço) e registrada digitalmente no mapa RUPTURAS,² figuram como que visíveis lamentos (ainda que de base artística), constituindo assim uma “cultura da memória” (Huysen, 2000, p. 15), uma espécie de prática cultural, doravante referida como prática cultural tanatológica. Tal prática possui uma semântica de contexto fúnebre, demandando àqueles que desconhecem as situações pregressas à tais memórias imputadas em ambiente público, uma dada ação por querer saber: a ação do gesto anamnético que recupera tais informações memoriais.

Propõe-se o conceito de mediação memorial, como acréscimo e reforço ao gesto anamnético, que será desenvolvido ao longo do texto, a partir da relação que envolve os transeuntes e seus olhares, com as específicas intervenções artísticas de base sígnica fúnebre ou mortuária, feitas com o objetivo de ressignificar as mortes consideradas abruptas.

As conclusões a serem alcançadas ao longo do texto, ainda que se trate de um recorte específico, têm os seguintes objetivos em relação à prática, dita cultural tanatológica,

¹Eurípides. (2010). *Medeia*. São Paulo: Editora 34.

²Disponível em: <https://tinyurl.com/rupturas>.

observada:1) servir como uma ferramenta de interpretação ou de auxílio efrástico;³ 2) servir como conhecimento de mediação cultural entre os passantes e as obras visuais que sustentam suas respectivas sensibilidades discursivas e; 3) pontuar as problemáticas, advindas, de forma crítica.

Para melhor compreensão do alcance dos locais mapeados e seus desdobramentos, utiliza-se por base teórica a estrutura comunicológica, conforme definida por Vilém Flusser em seu livro *Comunicologia* (2015), que a esclarece da seguinte maneira:

É dever do intelectual definir os termos que usa. Por isso defino da seguinte forma: comunicologia é a teoria da comunicação humana, aquele processo graças ao qual informações adquiridas são armazenadas, processadas e transmitidas. A cultura é aquele dispositivo graças ao qual as informações adquiridas são armazenadas para que possam ser acessadas. [...] A crítica é o ato graças ao qual um fenômeno é rompido para que se veja o que está por trás dele (Flusser, 2015, p. 45).

Como recorte focal e à guisa de exemplo dos três objetivos acima expostos, o presente trabalho analisa uma secção traumática ocorrida no bairro de Realengo, no ano de 2011, mês de abril, com pontuais observações sobre o evento Holocausto, devido à problemática acerca da expressabilidade da dor e sua legitimidade social.

Memória do Massacre de Realengo

A memória e seu registro, na estrutura comunicológica, é parte de um circuito informacional, a saber: a cultura. Flusser esclarece com uma abstração acerca do alvorecer hominídeo em sua ação de caçar: as unhas não cortam nem os dentes dilaceram a carne obtida, assim,

Logo se começa a adquirir a informação: "Como faço para rasgar a carne?". Meu amigo Baudrillard diria: simulo o dente canino. Pego por exemplo uma pedra pontuda e a utilizo como faca. Essa faca é uma memória. Nessa pedra guardo a informação cortar ou abrir. Quem, depois de mim, pegar essa pedra na mão pode acessar a informação a partir da pedra. A informação está publicada, intersubjetivada e, ao mesmo tempo, guardada na pedra. [...] A soma desses apoios de memória chama-se cultura material. A soma desses apoios de memória chama-se cultura material. Em comparação com a cultura oral, ela tem a vantagem de que as informações podem ser conservadas por um tempo extraordinariamente longo (Flusser, 2015, p. 54).

A informação guardada na referida pedra é a ação de usá-la para o corte/rasgo da carne, associada a um nome objetual. Nesse sentido, todo objeto é suporte de memória enquanto

³ De éfrase, figura de linguagem aplicada quando da ação retórica e reconstrutiva de descrever/narrar imagens, mas a elas não ficando restritas. Cf. Medina, S. P. (2010, 01 de janeiro). Ecphrasis ou Ekphrasis. In E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia. <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/ecphrasis>.

repositório de uma informação e sua posterior recuperação para alguma finalidade em um contexto cultural. Eis uma definição.

Não se quer “energizar retoricamente alguns discursos de memória traumática” (Huyssen, 2000, p. 13), no sentido de reproduzir ponto por ponto as dores guardadas por acontecimento pretérito e aqui recuperadas. Trata-se de contribuir com outras distinções sobre os processos de rupturas cotidianas que acarretam traumas, efetuando uma análise sobre a “produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens [cujo] os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc.”, em que a memória “guardada e solidificada nas pedras” (Pollak, 1989, p. 10) ou, ainda, esculpida em perene bronze ou grafitada em efêmeras tintas, adquire importância apaziguadora sobre os afetos envolvidos.

Na manhã de 7 de abril de 2011 noticiava-se que “um homem de 23 anos entrou em uma escola municipal na Zona Oeste do Rio na manhã desta quinta-feira (7), atirou contra alunos em salas de aula lotadas, foi atingido por um policial e disparando contra si, morreu. O crime foi por volta das 08h30”. O rapaz era Wellington Menezes de Oliveira e o policial é Márcio Alexandre Alves. Com manchetes em vários veículos de imprensa, esse evento – até então inédito na realidade social brasileira – ficou conhecido como “O Massacre de Realengo”, em razão da violência perpetrada na Escola Municipal Tasso da Silveira, na qual o assassino havia estudado⁴.

Como resposta à tamanha comoção, devido a essa sinistra ocorrência no bairro, foram realizadas ações vernaculares/espontâneas -e também atos do poder político municipal –, atribuindo outros sentidos ao fato, com o que pode ser entendido como gesto,⁵ tanto de memória (anamnese) como político (fruto de um cálculo eleitoral), por meio das intervenções realizadas no âmbito da comunidade escolar. Em pesquisas de notícias da época ou com termos-chave em jornais online, verifica-se que alguns familiares, colegas, professores e moradores em volta, para lidarem com o fato traumático, depositaram flores, protestaram com cartazes e palavras de ordem, abraçaram simbolicamente o prédio, escreveram cartas e redações.⁶ Porém outros familiares e entes próximos às vítimas fatais, buscando reparação do fato gravíssimo, uniram-se e fundaram uma ONG chamada Anjos de Realengo (Santos, 2016, p. 139), que tem por bandeira a preservação da memória do evento enquanto luta política, exigindo mais segurança nas escolas e combatendo o bullying. Graças a essa mobilização e em diálogo com os diversos poderes públicos, foi instituído o Dia Nacional de Combate

⁴ Monteagudo, C. et al. (2011, 08 de abril). Realengo: conheça em detalhes quem era e como vivia Wellington Menezes de Oliveira. Extra, Casos de Polícia. <https://extra.globo.com/casos-de-policia/realengo-conheca-em-detalhes-quem-era-como-vivia-wellington-menezes-de-oliveira-1539375.html>.

⁵ A noção de “gesto” aqui empregada refere-se ao conceito do semiólogo Roland Barthes (1984/2002), encontrado em seu livro *Aula*. Trata-se de uma ação que tenha um referente de cultura em seu contexto. Uma fala, uma escrita, uma imitação etc., podem ser compreendidos como um “gesto”. Exemplo: dois cariocas se encontram e estão comendo cachorro-quente. Um deles diz que quer purê, o outro estranha, no qual recebe a fala “é pelos paulistas”.

⁶ Stochero, T. (2011, 09 de abril). Abraço simbólico em escola de Realengo lembra vítimas de ataque. G1, Rio de Janeiro. <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/abraco-simbolico-em-escola-de-realengo-lembra-vitimas-de-ataque.html> e Oliveira, D. (2011, 09 de abril). Abraço simbólico em torno da escola em Realengo. Extra, Rio de Janeiro. <https://extra.globo.com/casos-de-policia/abraco-simbolico-em-torno-da-escola-em-realengo-1554122.html>.

ao Bullying e à Violência na Escola, por força da lei federal nº 13.277, de 29 de abril de 2016.⁷ No site Mundo Educação consta a seguinte definição de bullying:

Bullying é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica, tais como intimidação, humilhação, xingamentos e agressão física, de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo. A prática do bullying geralmente acontece no ambiente escolar e pode provocar danos psicológicos sérios em suas vítimas.⁸

O jornal Extra, um dia após o crime, traçou um perfil do assassino Wellington Menezes de Oliveira, mencionando que, onde ele morava, desviava o olhar e abaixava “a cabeça ao passar pelos vizinhos” e que “nunca participava das brincadeiras de rua. Só se aproximava do campinho de areia cercado por grades enferrujadas, em frente à casa, para assistir. Nunca teve muitos amigos, nem foi visto com namorada”. Essa construção tipológica faz uma ilação entre sua vida pregressa e o crime que cometeu (seus motivadores), pois “adotado, cresceu ouvindo detalhes sobre eventuais problemas psiquiátricos da mãe biológica. Segundo vizinhos, ela dizia que Wellington havia sido gerado dentro de um manicômio. Wellington costumava ser alvo de chacotas”.⁹ A notícia promove o entendimento de causa-e-consequência que, posteriormente, será a justificativa para a criação da lei mencionada no parágrafo anterior.

Nesse dia a cidade do Rio de Janeiro é tomada pelo sentimento do horror, repercutindo inclusive na imprensa estrangeira, que não tardou a comparar com outro massacre ocorrido anos atrás, nos Estados Unidos, que ficou conhecido como o Columbine High School massacre, em que dois jovens, de 17 e 18 anos, invadiram uma escola e assassinaram 12 alunos e um professor, cometendo suicídio em seguida. Apesar das estruturas similares de ambos os casos, inclusive carta póstuma/suicida, não foram encontrados indícios diretos de que Wellington tivesse como referência o crime em Columbine.

Em Realengo, o assassino adentrou a escola e, aproveitando-se de um evento em que ex-alunos visitariam a escola, passou por guardas, cumprimentou uma professora que o reconheceu e, no segundo andar, de maneira arbitrária, entrou em uma sala e começou a efetuar disparos contra as alunas, com o sórdido detalhe de que “mirava na cabeça das meninas que ele considerava bonitas e de quem se ressentia por ter sido “menosprezado” sexual e afetivamente”¹⁰, totalizando dez vítimas. Os tiros eram desferidos contra os meninos nos braços e pernas e, de duas vítimas masculinas, uma foi alvejada na cabeça, com resultado de 12 crianças mortas entre os 13 e 15 anos de idade.

⁷ Lei Nº 13.277 de 29 de abril de 2016. (2016, 29 de abril). Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm.

⁸ Porfírio, F. (n.d.). Bullying. Mundo Educação: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/bullying.htm>

⁹ Monteagudo, C. et al. (2011, 08 de abril). Realengo: conheça em detalhes quem era e como vivia Wellington Menezes de Oliveira. Extra, Casos de Polícia. <https://extra.globo.com/casos-de-policia/realengo-conheca-em-detalhes-quem-era-como-vivia-wellington-menezes-de-oliveira-1539375.html>.

¹⁰ Bernardo, A. (2021, 06 de abril). Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. BBC Brasil, Rio de Janeiro. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>.

Muitos detalhes foram contados à época e vêm sendo levantados com o passar dos anos. No entanto, a dor que restou das vitimadas e dos vitimados segue guardada e mirando uma eternidade, devido ao registro material no bronze, e por ter sido publicizada em espaço de livre trânsito e acesso.

Dores resignificadas

Comunicologicamente, um objeto guarda a memória de seu uso, além de seu nome ou signo similar. Usá-lo é, então, recuperar essa memória imputada, depurando-a durante a ação, de acordo com Flusser (2015). Nessa linha de raciocínio, as artes detêm elementos fomentadores em diversos graus interacionais: um quadro, ainda que distante do toque, está ao alcance dos olhos e do nariz. Há um certo direcionamento sensorial, a partir da relação entre o suporte artístico e seu contexto no ambiente. Essa abstração preambular se faz necessária para lançar outras luzes sobre as resignificações referentes ao Massacre de Realengo. Em 20 de setembro de 2015, a Prefeitura do Rio de Janeiro instalou, como resultado do pedido da ONG Anjos de Realengo, um conjunto escultórico em bronze, representando os 12 jovens assassinados (Santos, 2016, p. 135). Esse tipo de monumentalização sobre mortes compreendidas como abruptas e violentas, por parte do poder público, distingue-se dos assim chamados “santuários espontâneos” ou “vernaculares”, de acordo com Santino:

Por “santuários espontâneos”, refiro-me àqueles memoriais temporários que as pessoas constroem, por iniciativa própria, para marcar o local de mortes prematuras. Esses conjuntos memoriais (Santino, 1986) geralmente são compostos de flores, velas, memorabilia pessoal e notas, além de ícones religiosos. Qualquer um ou todos os itens acima podem estar presentes, e circunstâncias diferentes exigirão elementos diferentes¹¹ (Santino, 2011, p. 98)

Importante notar a diferença que envolve os materiais escolhidos: por parte do poder público, o bronze; para os “santuários espontâneos”, materiais simples que rapidamente desaparecem ou são consumidos pela ação do tempo. Tais esculturas foram encomendadas à artista plástica Christina Motta. Outros diálogos – trocas de memórias –, foram feitos. Por “diálogo”, cita-se a seguinte a observação de Flusser,

Na comunicação humana existe um armazenador de informações adquiridas – ou, para falar com simplicidade, uma memória. O diálogo é o método graças ao qual informações que estão depositadas em duas ou mais memórias são trocadas para conduzir a novas informações. [...] Primeiro: quando as informações em duas memórias se assemelham muito, o diálogo é redundante. As pessoas que têm mais ou menos as mes-

¹¹ Traduzido pelos autores do original: By “spontaneous shrines,” I refer to those temporary memorials that people construct, on their own initiative, to mark the site of untimely deaths. These memorial assemblages (Santino 1986) are usually made up of flowers, candles, personal memorabilia, and notes, as well as religious icons. Any or all of the above may be present, and different circumstances will call for different element”.

mas informações não podem dialogar entre si. Segundo: quando informações completamente diferentes estão depositadas em duas memórias, então os diálogos são impossíveis, porque toda informação de uma é ruído para a outra (Flusser, 2014, p. 50).

Doze crianças assassinadas, doze representações escultóricas. Uma das mães pediu a figura de uma borboleta no lugar da filha morta. A artista menciona em seu site que

No ano de 2015 foi inaugurado o “Monumento às crianças de Realengo”, esculturas de bronze feitas pela escultora Christina Motta, como uma homenagem às crianças assassinadas na escola de Realengo, em 2011. Ao total são 12 obras, de 1,60 metro de altura, na qual uma das crianças é representada por uma borboleta. As esculturas, que impressionam pelo realismo, estão posicionadas em cima de materiais escolares ou objetos que remetem à infância, como mochila, livros, bola de futebol, boneca e cachorro, como artifício para que, em sendo vítimas, nenhuma delas estivessem em contato com o chão.¹²

O uso do bronze possui, junto ao mármore, cerâmica e as pedras brutas, uma tradição lapidar, o que significa suporte à lapidação de registro textual duradouro (Ferreira, 2000). Herança da cultura clássica (grega e latina) que imputa nele a ideia do perene (d’Encarnação, 2010), do eterno, devido à sua resistência ante as agruras da passagem do tempo, o que permite, assim, o objetivo de guardar a mensagem, pois,

certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade. Nesse sentido, não podemos nós todos dizer que descendemos dos gregos e dos romanos, dos egípcios, em suma, de todas as culturas que, mesmo tendo desaparecido, estão de alguma forma à disposição de todos nós (Pollak, 1989, p. 11).

Pollak menciona o caráter documental que resta, qual superstite, após o seguir dos séculos. Com base nesse esclarecimento, não há como deixar de lembrar o caráter implícito nas alegres esculturas instaladas em Realengo: a violência. Essa definição de ‘alegre’, para se referir a elas, pressupõe o desconhecimento do fato violento que lhe é anterior.

A implicitude contida em cada homenagem, em cada ressignificação que afirma a dita prática cultural tanatológica, é o que justifica o ato de mediar. Pois, diante dos grafites ou bronzes que marcam de memória o aqui do lugar, o transeunte/passante distraído pode se valer de critérios estéticos para admirar tais expressões artísticas, ignorando nelas o fundo de dor que as sustentam. A mediação acontece na escolha do material e da forma que lhe será dada, se pela escrita, tinta, escultura, renomeação de logradouro público ou outra possibilidade. A partir do exemplo das esculturas entregues para o entorno da Escola Tasso da Silveira, com crianças sorrindo, sobre bases de materiais escolares e pequenos animais domésticos, na impressão de

¹² Motta, C. (2016). Cinco anos da tragédia que chocou o país. In: C. Motta. Cristina Motta. On-line. https://christinamotta.com.br/pt_BR/noticias/cinco-anos-tragedia-chocou-pais.

movimento acima do solo, em última imagem congelada associada à ideia de uma alegre corrida – o conjunto transmite informação visual. Contudo, os motivos situados por trás dessa intervenção somente são alcançados pelo gesto, anamnético, que visam recuperar a informação ali presente. Esse circuito informacional é, inclusive, enriquecido pela segunda instância da mediação – a primeira é o suporte artístico –, no caso, o papel assumido ou por alguma pessoa que intermedie ou pelo próprio passante que queira pesquisar as causas.

O risco para quem desconhece a história, as memórias, os testemunhos e as explicações sobre o passado, reside na má interpretação, julgamento prévio ou preconceituoso sobre o elemento/objeto desconhecido. Para além do circuito anteriormente mencionado, há uma sensibilização, enquanto prática e ação política posterior, sobre os memoriais e monumentos, que adquire a importância de transmissão da real intenção por trás do gesto, para além da prática cultural tanatológica. Sensibilização, interpretação e processo de intermediação: eis o ponto crucial. Voltando ao exemplo, quem admirar as esculturas das crianças de Realengo pode julgá-las como de mau gosto, por considerar a presença de certa expressão de fuga. Por sinal,

As estátuas foram levadas até o local do memorial envolvidas em sacos pretos, causando certo mal-estar na comunidade escolar, inclusive nas profissionais da equipe interdisciplinar que estavam na UE naquele dia. No relato dessas profissionais, a direção da escola, a secretaria e os alunos ficaram impactadas com o monumento. Além disso, moradores do entorno da escola que se sentiram incomodados foram até a UE para reclamar do monumento. Os participantes relataram o incômodo provocado pelo monumento, porque sua colocação na praça não tinha sido discutida com a escola nem com a comunidade, que têm de conviver com os símbolos do evento todos os dias (Santos, 2016, p. 136)

Pelo relato registrado na pesquisa de Santos (2016), depreende-se que a comunidade escolar e seu entorno estavam revivendo e reexperenciando o nefasto dia 7 de abril das 13 mortes, devido à ausência de mediação de uma escuta sensível sobre o que a população local queria ou não, e sobre a maneira como seria impactada. No entanto, o memorial foi erguido, com figura em forma que mira o eterno, resistindo a toda sorte de intempéries. Em 2019, o painel de azulejos próximo ao conjunto escultórico sofreu vandalismo.¹³

Como foram dez meninas e dois meninos os mortos, há testemunhos específicos sobre o caráter misógino do atirador, na precisão de que contra as meninas – bonitas – ele disparava para matar, e contra os meninos era para ferir. Deteve-o o então 3º Sargento da PMRJ, Márcio Alexandre Alves, que estava nas proximidades da escola: escutando o rebuliço, entrou na escola, localizou o homicida e acertou um tiro de fuzil em sua barriga. Em seguida, caído no chão, Wellington Menezes de Oliveira se matou com um tiro na cabeça.¹⁴ Apesar de

¹³ CBN. (2019, 16 de janeiro). Memorial de vítimas de massacre em Realengo sofre vandalismo. CBN, Polícia. <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/239414/memorial-de-vitimas-de-massacre-em-realengo-sofre-.html>.

¹⁴ Bernardo, A. (2021, 06 de abril). Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. BBC Brasil, Rio de Janeiro. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>.

ter família, cuja irmã foi entrevistada, ninguém reclamou seu corpo no IML.¹⁵ Foi enterrado como indigente, em uma cova rasa, com o sepultamento autorizado judicialmente¹⁶, sem que seu último pedido tenha sido atendido, o de ser envolto em lençol branco e repousar próximo ao corpo de sua mãe. Há tipos de mortos indignos.

Após o referido horror criminoso e o luto decorrente, a Prefeitura e muitos políticos investiram nas mais diversas homenagens, mas não conforme a menção de Michael Pollak, quando afirmou que a “tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta” (Pollak, 1989, p. 8). Houve uma escuta – um certo tipo de escuta –, que promoveu uma difusão da dor, como se fosse possível diluí-la, pulverizá-la, no número de atos oficiais dirigidos a nomear creches e escolas¹⁷, a instituir e acatar propostas de leis em prol da redução do bullying (Santos, 2016), de datas ritualísticas e ações para lembrar “como se o objetivo fosse conseguir a recordação total” (Huysen, 2000, p. 15).

Muitos detalhes foram noticiados pela imprensa ao longo deste específico dia 7 de abril de 2011, bem como nos dias posteriores e em situações anamnéticas promovidas a posteriori ao longo do tempo, demonstrando a função indutora e promotora do avivamento de memórias traumáticas. Argumentar em torno do tema significa abordar a sensibilização para pessoas externas ao círculo familiar vitimado. Como se trata de traumática memória, social, o que se pondera não é tanto acerca do testemunho direto da comunidade escolar, famílias e amigos, e seus depoimentos sobre o fatídico dia. Tampouco se trata de discutir as narrativas midiáticas, seus acertos ou falhas. Para além da necessidade do dever de memória, há antes um certo dever de afetos sensíveis. A demanda por escuta e registro em conjunto com processos de mediação, em que estes não alcançam um fim sistemático, mas modificam-se ao longo do tempo.

Dores publicizadas

Por trás da dor informada no Massacre de Realengo, há não apenas corpos que padeceram, mas também seu agente causador, sendo este incluído na categoria mais geral, qual seja: a dos criminosos. Conforme pode ser visto no mapa RUPTURAS –já mencionado–, por sob as ruas do município do Rio de Janeiro, muitas intervenções artístico-urbanas podem ser compreendidas tanto como “motivos mortuários”, assim como “motivos criminosos”, por serem padrões recorrentes no ambiente.

Nessa relação entre os crimes e as vítimas, observa-se que ao criminoso não lhe compete a memória, senão como (anti)exemplo a ser expurgado e distanciado, recebendo status vilanesco na chave informativa de que não seja cultuado ou admirado. Algumas perguntas

¹⁵ G1. (2011, 20 de abril) Prazo para família reclamar corpo de atirador no IML termina na sexta-feira. G1, Rio de Janeiro. <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/prazo-para-familia-reclamar-corpo-de-atirador-no-impl-termina-na-sexta-feira.html>.

¹⁶ G1. (2011, 22 de abril). Duas semanas após ataque, corpo de atirador de Realengo é enterrado. G1, Rio de Janeiro. <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/duas-semanas-apos-ataque-corpo-de-atirador-de-realengo-e-enterrado.html>.

¹⁷ Bernardo, A. (2021, 06 de abril). Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. BBC Brasil, Rio de Janeiro. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>.



parecem sem propósito, quando direcionadas aos que sofrem, quando feitas na perspectiva de comparações entre pessoas e/entre os grupos.

Afinal, há quem sofra com frustrações e pequenas derrotas corriqueiras, como aquelas que envolvem reprovações em testes de conhecimento. Tem quem sinta-se muito mal quando os laços afetivos são rompidos e o canal do diálogo se fecha para os sentimentos que não foram expressos entre os(as) envolvidos(as). Ocorre, também, as mortes e os vivos, em sua relação de proximidade. Talvez caiba um raciocínio de tipo hierárquico em que o fim da vida, no campo de seu possível, soe como espécie de ápice. Justamente nessas questões, resta de fundo o grande norte (des)motivador: pensar sobre o sofrimento, a dor e a morte, não as dispersa nem tampouco as encerra. Não apenas isso, mas em virtude da constante chance de ocorrência de insensibilidades e das demais faltas de compreensão por parte de quem ouve, vê e recepciona as comunicações de uma dor, evita-se dizê-las sem certo preparo e cautela. Nesse aspecto, o texto *A gestão do indizível* (2010), de Michael Pollak, com sua entrevista à sobrevivente Ruth A., do genocídio perpetrado pelos nazistas na Alemanha durante a II Guerra Mundial contra os judeus, encerra em suas linhas certa sensação de impotência. Nele lê-se, a partir de Ruth, o modo como ela aciona sua vivência de antanho, lembrando não apenas seus sofrimentos passados, como também os ressignificando a partir de sua própria fala, não escondendo certa vergonha e sentimento de culpa. O sociólogo austríaco, então, entremeia o texto com observações pontuais, a partir das quais relaciona as memórias dela com as ações políticas e cruéis perpetradas pelo regime político da época, que vai ter, no gesto de crueldade para com parte da sociedade alemã, uma estrutura de perseguição e horror crescente, até adquirir o status de normalidade para, em certa medida, tornar-se aceito e esperado. O autor chama atenção para a violência e sua expansão gradativa. Essa estrutura que cresce até o limite da morte como o cruel horror, cujo mutismo testemunhal é antes um bloqueio diante da incredulidade ao presenciar crimes atrozes, na total e humilhante indignidade deles.

Como falar sobre as vivências, sem que pareça o relato de algum tipo de mórbida fantasia? Como selecionar, no íntimo arquivo das tristezas, a mais plausível? Como optar, dentre todas as dores, aquela que será mais crível de ser comunicada, e não a que mais feriu? Ruth, ouvida por Pollak, transmite a noção de que as dificuldades dos sobreviventes, pelo fato de sua associação com a expressão de suas dores ao caráter da veracidade. Em decorrência destes horrores impostos de modo sistemático aos judeus, as décadas posteriores contaram com atitudes reparadoras e restaurativas, por parte dos governos envolvidos na guerra, inclusive contando com uma construção de narrativas oficiais, oriundas das mais diversas fontes, servindo para

a emergência do Holocausto como uma figura de linguagem universal que permite à memória do Holocausto começar a entender situações locais específicas, historicamente distantes e politicamente distintas do evento original. No movimento transnacional dos discursos de memória, o Holocausto perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias (Huysen, 2000, p. 13).

A citação aponta como um evento de tal monta foi reapropriado para inseri-lo em um circuito informacional, pelo qual a informação circula, que vai contribuir para a construção de um imaginário social pautado pelo viés do sofrimento e do horror, permitindo um direcionamento da narrativa como uso metafórico para outros exemplos sociais, servindo de teto e limite para a descrição comparativa das vilezas impetradas por um grupo sobre outro, subindo mais e mais na quantidade ou hierarquia, afinal, “se reconhecemos a distância constitutiva entre a realidade e a sua representação em linguagem ou imagem, devemos, em princípio, estar abertos para as muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias” (Huysen, 2000, p. 22). Se Andreas Huysen esclarece que o acontecimento Holocausto torna-se figura de linguagem ou índice descritivo universal a ser empregado sobre a temática do genocídio, por sua vez Aleida Assmann se vale dessa questão signíca para falar não do evento em si, mas do significativo local que foi o campo de concentração Auschwitz, pois seu nome,

tornou-se ao longo do tempo uma abreviação com que se designa a máquina nazista de aniquilação em massa de judeus e de outras vítimas excluídas e indefesas. Se o significado linguístico desse nome é evidente e inequívoco, tanto mais vago é o significado desse local (Assmann, 2011, p. 350).

Adiante ela aprofunda a crítica em relação ao lugar e seu contexto:

A multidimensionalidade e complexidade desse local traumático não se origina, em última instância, da heterogeneidade das recordações e perspectivas dos que o visitam. Para os poloneses, que administram o campo de concentração em seu próprio país e fizeram dele um centro de memoração da própria história nacional marcada por uma condição de vítima, ele significa algo diferente que para os prisioneiros judeus que sobreviveram; para os alemães e seus descendentes, por sua vez, ele significa algo diferente do que para as pessoas ligadas às vítimas (Assmann, 2011, p. 350).

Com base nas citações de Assmann e Huysen, é indicada a possibilidade de utilização da estrutura informacional, imputada para o evento Holocausto e para o lugar Auschwitz, como mais uma chave interpretativa – a ser (inter)mediada –, para o Massacre de Realengo, a saber: o caráter de singularidade (seu ineditismo), que inevitavelmente servirá de referência temporal a partir de então, espécie de marco zero ou inaugural. Essa argumentação confirma-se pelo terrível 13 de março de 2019, na Escola Estadual Raul Brasil, registrado pela imprensa como o Massacre de Suzano: dois ex-alunos, de 17 e 25 anos, adentraram a escola, assassinaram cinco jovens, duas funcionárias e, como espécie de pacto, um assassino matou o outro e matou-se em seguida.¹⁸

¹⁸ G1 (2019, 13 de março). Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. G1, Mogi das Cruzes; Suzano. <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghml>.

Na grande sequência, é preciso mencionar que, em abril de 1999, ocorreu um tiroteio na escola de Columbine, nos Estados Unidos, que por lá ficou conhecido como Columbine High School Massacre. A tradução foi efetuada ao pé da letra, com ênfase na palavra “massacre”. Anos após, em abril de 2011, o jornal Extra daria a notícia: Autor do massacre em escola de Realengo se interessava por assuntos ligados ao terrorismo, no horário das 23:46 da noite.¹⁹

Nas entrelinhas, o que se propõe à discussão é o peso das palavras como descritores de acontecimentos e ocorrências, tendo por foco o caráter empático que é preciso gerar e garantir: a manutenção das sensibilidades. Posto que, com elas bem trabalhadas, é possível empreender seus usos políticos, para que o critério do ‘nunca-mais’ seja assegurado, para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça – mote e lema dos estudos acerca da ditadura cívico-militar que houve no Brasil, como exemplo.

Além da questão da singularidade, depreendida a partir da estrutura informacional já mencionada, há esta outra, que vem do correr dos anos, que distancia o outrora e o agora, e que serve para aprimorar o conhecimento dos fatos, mediante novas composições argumentativas e suas críticas. Por estar Diante da dor dos outros²⁰, é preciso seguir o viés ético, pela questão nuclear da solidariedade. A partir da ideia de que esse seja o caminho – da empatia –, para a compreensão do fenômeno responsivo-cultural que imputa nos espaços públicos dor/sofrimento, surge um problema quantitativo. É que quanto mais os crimes são noticiados e propalados, tanto mais essas referências vão servir para compor uma espécie de arquivo, na possibilidade (também) de um repertório, criminoso.

A política empreendida durante a II Guerra Mundial, de extermínio dos judeus, sua sistematicidade, a torna singular na história. Porém, abstraindo a partir da questão numérica e estatística, todo e qualquer acontecimento marcante, em algum grau, vai preencher de ideias e imagens a sociedade, com repetição em algum momento no futuro. Sendo dinâmico, as vindouras atrocidades cometidas perderão o caráter de ineditismo, restando para a imprensa as referências comparativas como modo de narrativa e de análise dos fatos. Nessa ausência do inédito, parecerá haver somente uma cópia no presente dos fatos do passado; mimetização do passado. Por consequência, são copiadas também as respostas memoriais sendo, portanto, uma memória da memória. Ao limite, ocorrerá uma espécie de saturação por excesso, dada a constante repetição, conforme explicitado pelo sociólogo Paolo Jedlowski acerca da sociologia da memória, ao pensar sobre o valor político de eventos passados, cujo

debate trouxe em primeiro plano as dimensões éticas ligadas à memória e ressaltou a importância da elaboração do passado para a vida das sociedades democráticas. Entre seus protagonistas, porém, ele suscitou recentemente algumas preocupações: de fato, se, por um lado, a multiplicação das comemorações pode gerar sem intenção – como todo excesso comunicativo – uma esterilização das emoções, por outro,

¹⁹ EXTRA. (2011, 07 de abril) Autor do massacre em escola de Realengo se interessava por assuntos ligados ao terrorismo. Extra, Casos de Polícia. <https://extra.globo.com/casos-de-policia/autor-do-massacre-em-escola-de-realengo-se-interessava-por-assuntos-ligados-ao-terrorismo-1525139.html>.

²⁰ Livro de autoria de Susan Sontag, sobre fotografias de guerra e seus usos em periódicos, usado aqui apenas em razão de seu título marcante.

o “culto da memória” pode favorecer, paradoxalmente, uma desresponsabilização para com o presente e o futuro, ou, ainda, pode tirar a atenção de outras memórias inquietantes, como, por exemplo, as memórias relativas ao passado colonialista dos países europeus (Jedlowski, 2003, p. 223).

Destaque-se da citação o trecho “excesso comunicativo”. Emprega-se essa expressão tanto para o grupo dos que sofrem quanto para o grupo dos que causam sofrimentos: ambas as situações produzem marcas e deitam memória. Não se questiona, per si, a relação entre o Holocausto e o Massacre de Realengo, mas antes pensa-se sobre o sofrimento dos sobreviventes, dos vitimados, nos vários graus de suas aflições, assim como as respostas dos poderes públicos para registrar algum grau de empatia e solidariedade para com estes pela violência, tendo por crítica o perigo da dessensibilização de suas agruras.

Na introdução do sensível texto Fazer visíveis as perdas (2016), a professora Sandra Patricia Arenas Grisales menciona o fato de que “a vida e a morte encontram proximidade através de objetos e lugares”, devido aos processos que envolvem o luto e seu compartilhamento social, “expressão pública”. Ela situa a prática envolvendo a publicidade das dores por meio de altares espontâneos, para eventos que envolvem certa estética numeral do horror (ou do horrível), pois,

nas últimas três décadas é cada vez mais frequente a criação de memoriais ou altares vinculados a eventos traumáticos, mortes violentas ou de pessoas consideradas vítimas. Os altares costumam ser construídos no local onde aconteceram as mortes e contêm objetos que de alguma forma representam, simbolizam e expressam uma dor coletiva. Exemplos disso são os altares criados na saída da boate Kiss em Santa Maria, RS, em 2013; na Escola Tasso da Silveira, em Realengo, RJ, em 2011; nos atentados do 9/11 em Nova York, em 2001; na estação de Atocha, na Espanha, em 2004; na chacina de Columbine High School em 1999. Mais recentemente poderíamos mencionar os altares criados após a chacina na redação do semanário francês Charlie Hebdo, em 2015 (Grisales, 2016, p. 85).

Importante notar a sequência referenciada pela professora: são todos eventos de assassinatos em massa, e o que choca é a dinâmica desse tipo de crime. Em outro texto de Michael Pollak, o Memória, Esquecimento, Silêncio (1989), o autor enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na coletividade a que se pertence, segundo a qual a

tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (Pollak, 1989, p. 3).

Por “grupo”, forçoso mencionar, assumo-se também o conjunto dos criminosos, além das vítimas e das pessoas vitimadas. O grupo contém algo em seu interior, um elemento comum que partilhado, cada membro com ele se identifica, permitindo um estreitamento dos laços afetivos e de pertencimento. Tanto maior a ocorrência dos grupos promotores de sofrimento, tanto maior será a recorrência do grupo dos sofredores – tautologia do ciclo informacional acerca da dor dos vitimados, bem como dos crimes que ocasionam tais dores. Assim, indaga-se: o que se quer realmente lembrar com a monumentalização das dores? Pois, para cada uma delas tornada pública, há também um crime realizado, seu agente causador. É possível indagar se, com a mesma estrutura informativa que pela via da sensível solidariedade permite as lágrimas, por empatia, para com as vítimas, não houver também perversões orgulhosas por parte de entes vis?

Decerto que, nas composições de altares com ‘necrossignos’²¹ de dores, o foco retórico é sobre as vítimas, há um direcionamento, com um novo traçado, do traço retratado das pessoas envolvidas. Mas, à espreita destas publicizações fúnebres, resta sempre a violência – que se quer diluída –, como sua promotora. O gesto anamnético, pautado pela devida mediação sensível, deve guiar-se pelo máximo respeito às famílias vitimadas, servindo inclusive como ferramenta de conscientização para a dor que está ali contida, ponderando o uso das palavras e de suas ações. Sobre a estatuária localizada em Realengo, uma das mães comenta, solicitando, que quando olharem para as esculturas,

lembrem da tragédia para dizerem um não à violência. Assim, a morte deles não vai ser em vão. Essa homenagem dá algum sentido para tudo o que aconteceu – busca Adriana da Silveira, de 43 anos, mãe de Luiza, que tinha 14 anos e sonhava em ser engenheira: – Ela agora vai construir corações melhores.²²

São dores e sofrimentos cujas aflições persistem ao longo do individual tempo subjetivo de cada pessoa envolvida. Resignificá-los, ainda que artisticamente, fora da esfera privada, implica certa súplica, um sincero pedido de empatia, posto no comum do ambiente urbano, na tentativa de capturar a atenção dos viventes. A antropóloga Veena Das, inspirada por uma reflexão wittgensteiniana sobre a dor (nos limites da comunicabilidade da linguagem), escreveu a seguinte passagem em seu livro *Vida e palavras*,

Se eu não posso alegar conhecer a dor do outro, (...), o que significa relacionar-se com essa dor? A ausência de qualquer linguagem estável da dor talvez seja sintomática do fato de que não posso separar minha dor da minha expressão – outra maneira de dizer isso é que minha expressão da dor compele o outro de maneiras muito particulares –, você não está livre para acreditar ou não acreditar em mim – nosso futuro está em jogo (Das, 2020, p. 68).

²¹ Neologismo proposital.

²² Alfano, B. (2015, 01 de setembro). Vítimas da tragédia na Escola Tasso da Silveira, em Realengo, vão ganhar memorial. Extra, Notícias Rio. <https://extra.globo.com/noticias/rio/vitimas-da-tragedia-na-escola-tasso-da-silveira-em-realengo-vaao-ganhar-memorial-17364580.html>.

Das, nessa pergunta, lança a base do que se pretende alcançar, aqui, ao longo dessa escrita: uma sensibilização por parte do outro para qualquer dor que lhe seja alheia. Sensibilização essa que advém do gesto anamnético e da proposta mediadora, sem cair nos eventuais 'excessos', sejam estes quais forem. As ausências que não são expressas informam, como pondera Pollak acerca de sua entrevista com Ruth, sobrevivente do campo de concentração nazista, pois "as dificuldades e bloqueios que apareceram ao longo da entrevista não eram nunca casos de falta de memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e de transmitir sua história" (Pollak, 2010, p. 45). Tendo sobrevivido a inúmeros percalços e envolvendo um grande número de pessoas em várias categorias sociais e hierárquicas, como ela poderia falar abertamente sobre o que foi obrigada a viver, as crueldades sem sentido que presenciou e, diante de um cenário terrível de tristezas, falar que mesmo aí, relações impensáveis em outros tempos, ditos de normalidade, floresceram? Para ela,

também o próprio desenrolar dessa entrevista refletia menos a dificuldade de falar de uma experiência traumatizante em si, que a dificuldade de evocar um passado que permanece difícil de comunicar, de fazer compreender, de transmitir a todo estranho ao grupo atingido. Ao invés de arriscar produzir um mal-entendido em uma questão tão grave, não é melhor se abster de falar? (Pollak, 2010, p. 10).

Pollak, neste texto A gestão do indizível, atua como um (inter)mediador entre o testemunho de Ruth e o público que desconhece certas nuances históricas, que só podem ser conhecidas devido ao gesto de memória – anamnético. Entre Ruth e o público há uma publicação de dores pretéritas e, como citado em Das (2020), "nosso futuro está em jogo".

Retornando ao recorte deste artigo, Massacre de Realengo, compete ainda ao poder público, enquanto responsável pelo espaço transitável, não a particular gestão do indizível, mas o retrato ecrástico que quer informar, para uma verdadeira gestão do sensível, ante a brutalidade velada que ocasionou tal marco memorial.

No indizível da dor, a gestão produz o gesto comunicável.

Abstrações comunicológicas sobre a ideia de 'crime'

O conjunto escultórico, que ressignifica o evento Massacre de Realengo, não pode ser visto isolado em sua particularidade, mas de acordo com as compreensões as práticas culturais-memoriais registradas digitalmente no mapa RUPTURAS, em um contexto maior, do circuito social que contém micromonumentos e seus mais diversos motivadores/disparadores. Os micromonumentos figuram na qualidade de homenagens e nas demais formas de marcar não apenas o espaço – o 'aqui' –, como também os certos tipos de óbitos na relação direta com sua ocorrência, atestando assim que "a disseminação geográfica da cultura da memória é tão ampla quanto é variado o uso político da memória" (Huysen, 2000, p. 16).

O nome escolhido para o mapa, RUPTURAS, é decorrente de uma das interpretações alcançadas, a partir do raciocínio comunicológico, em que o termo "crime" é conceituado como a interrupção sobre a ideia de continuidade, atrelada a uma memória contábil, ou



seja, com aquilo e com o qual se pode contar-para. Portanto, o crime como uma ruptura à continuidade, quando essa mesma continuidade está associada à ideia de normalidade. Portanto, por 'continuidade' entenda-se como 'esperado'.

Flusser (2014, p. 45) esclarece que a comunicologia "é a teoria da comunicação humana, aquele processo graças ao qual informações adquiridas são armazenadas, processadas e transmitidas", e que "a cultura é aquele dispositivo graças ao qual as informações adquiridas são armazenadas para que possam ser acessadas". O autor se pauta por metáforas computacionais no exemplo de processamento de dados: algo é imputado no sistema, calculado e depurado.

Valendo-se dessa explicação, e utilizando-a para a definição de informação imputada e depurada na posse de bens, sejam eles quais forem, há a seguinte proposta abstrativa: para cada bem (seja objeto ou sujeito), deve haver um respectivo registro, com o respectivo controle, e a respectiva manutenção. O sumiço de algum bem é então interpretado e associado à ideia do inesperado. Explicando de outra maneira, o abrupto diante da lembrança referente ao objeto faltoso, implica descontinuidade ou quebra de expectativas no horizonte pretendido. O que era uma linha reta prolongada ao infinito, pelo desejo intencional sobre um bem (objeto ou sujeito qualquer), ganha uma secção, um corte, um buraco, um espaçamento, um distanciamento etc., que frustra as expectativas: um crime!

Essa interpretação para o termo 'crime' é necessária para a análise e esclarecimento sobre o gesto – que se torna, em muitos casos, uma espécie de imperativo –, que auxilia a promoção de um luto e pesar diante de certas situações, pois se o "espaço e tempo são categorias fundamentais da experiência e da percepção humana" (Huysen, 2000, p. 30), ou, conforme Pollak, "nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, como mostrou Dominique Veillon, de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores" (1989, p. 11), então o que se busca guardar/manter/registrar, relacionando, são os pontos fixos e imutáveis que servirão como marcadores de referências mnemônicas no 'aqui' da ocorrência, que reúne, a um só tempo, a marcação do instante duradouro, que se quer permanente: a cristalização da memória resignificada topologicamente. Amplia-se a resposta para o seguinte questionamento: por que os micromonumentos, os memoriais vernaculares (Santino, 2011), são postos o mais próximo possível dos locais das ocorrências fúnebres?

A folclorista americana Sylvia Grider, na introdução de seu texto *Memorializing Shooters with Their Victims: Columbine, Virginia Tech, Northern Illinois University* (2011), refere-se ao grande número de memoriais personalizados que surgiram motivados pelas horríveis ocorrências ou desastres nos últimos anos, apontando que eles são feitos no local da ocorrência ou próximos dele. Embora este argumento não seja o principal em seu artigo, serve para mostrar o corriqueiro dessa performance memorial que, dada a constância do acontecimento, surge como dado conhecido e, portanto, respondido. Mas, qual a razão de ser assim e não de outra maneira?

Na comunicologia flusseriana talvez esteja uma resolução interessante. Nela há a abstração de que "uma imagem é uma superfície" e que "sobre essa superfície foi aplicada alguma coisa, uma informação. A imagem é um armazenador material de informações" (Flusser,



2015, p. 217). Fazer uma imagem consiste em “olhar para fora, fixar o que foi avistado, usar uma parede de pedra como apoio da memória e, assim, fixar o avistado, para que outros possam decifrá-lo” e essa ação, “esse gesto extremamente complicado e misterioso, eu denomino com uma única palavra: imaginação” (Flusser, 2015, p. 125). A própria imagem, então, é uma mediação entre o mundo objetivo (externo) e o mundo subjetivo (e interno). Finalmente, nessa mesma distinção/divisão, a imagem será um mapa ou guia, para se “orientar no mundo objetivo”, pois ele faz “a imagem de um cavalo para saber como matá-lo e como retalhá-lo” e que também faz “a imagem de maneira que outros também possam utilizá-la, ou seja, para que também saibam: Ah, ali há mamutes, e dessa forma os abato. São instruções de uso” (Flusser, 2015, p. 126). Mas o modo como a imagem é captada pela visão vai demandar, da parte do espectador, uma forma própria de lê-la, que consiste em dividir “a simultaneidade em uma sucessão” (Flusser, 2015, p. 127), chegando, pela organização do raciocínio, em uma forma de falar sobre o que viu, o que significa em um modo de interpretar, decodificando, a síntese de duas intenções: a do criador da imagem com a do vidente, afinal “quando o olho decifra na imagem a mensagem “informação”, ele circula em redor da imagem. O tempo dentro da imagem é um tempo circular de eterna repetição” (Flusser, 2015, p. 212). A isso se entende, comunicologicamente, que a imagem faz parte de um todo maior chamado de cenário, em um contexto relacional e social, e possui um modo de ser ‘lida’ que difere da escrita, que linear.

A imagem e a imaginação geram uma espécie de poder sobre o objeto pintado (imaginado). Como no exemplo de agredir uma imagem de uma pessoa na intenção de agredi-la – o que acontece na imagem, acontece no mundo objetivo –, impede-se a descontinuidade criminosa (ruptura da informação armazenada) de alguém, pintando-a ou retratando-a. Desse modo, o ‘aqui’ da ocorrência é somado na composição e construção do memorial: por fazer parte do cenário-movimento em que alguém, no traço da vida, passava, e cuja interrupção restará eternizada no re-traço de morte.

Todo memorial, nessa prática cultural tanatológica, é uma lapidação em pedra de troço, clamando para que se entenda o conteúdo de seu lamento.

Pequenas acréscimos observacionais

A cidade do Rio de Janeiro possuía, antes das crianças de Realengo, um crime ressignificado em escultura: o da jovem Ana Carolina da Costa Lino, vítima de latrocínio em abril de 1998, cuja estátua foi alocada em espaço urbano, próximo ao local do crime, renomeado para Praça Espaço pela Paz, em 2001. A partir da interpretação (e comparação) comunicológica, é possível apontar os seguintes aspectos similares: 1) morte de pessoa jovem, 2) a compreensão social relativa a uma estética do brutal/torpe/cruel, 3) o lugar da ocorrência, 4) o ressignificado desse lugar e de seu entorno mediante uma intervenção artística, 5) o apelo visual dessa intervenção, 6) a distinção artística da ocorrência como elemento constituinte de uma imagem que se quer manter ou resguardar sobre a morte ocorrida.

Entretanto, um parêntesis se faz necessário: o marechal Carlos Machado de Bittencourt, assassinado a golpes de punhal em 5 de novembro de 1897, no local que hoje

é o Museu Histórico Nacional. Uma escultura foi encomendada e entregue um ano após o evento para homenageá-lo, assim como uma placa epigráfica posta no lugar em que ele caiu falecido. A escultura foi posta próxima, conforme lê-se na epígrafe de bronze, apenas em 1997. Observa-se empiricamente a questão do material empregado pelo poder público e político: a cristalização da memória, seu caráter de oficialidade é fornecido pelo emprego do bronze. Como a escultura foi a expressão preferencial, além das placas com as efemérides. Outro destaque é para a qualidade do homenageado, oficial de carreira, e do evento que participava.

Mais aspectos e dados podem ser interpostos aos apresentados anteriormente sobre Ana Carolina da Costa Lino. O fato de ter falecido jovem traz a ideia de vida inconclusa. O aqui de sua ocorrência indica não somente o lugar, como também o tempo; a escolha semântico-artística é de apelo visual, como escrita, flores, desenhos etc.; por último, o re-traço da vida ausente que será o derradeiro retrato, afinal “o real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade” (Huysen, 2000, p. 16), afinal são “memórias imaginadas” (Huysen, 2000, p. 18), como “uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (Pollak, 1989, p. 8)

Nessa questão da memória e sua resignificação, não é possível ignorar o poder público. A competência das mudanças e divisões do espaço urbano pertence à instância municipal, sua previsibilidade respaldada pela Constituição Federal de 1988, por tratar-se de assunto de interesse local.²³ Retorna-se assim à questão do gesto de memória que, quando deixa de ser espontâneo – ou sai das mãos da comunidade o poder decisório –, passa a ser regularizado e decidido pela boa vontade dos políticos: o gesto de memória – ao menos em potência –, torna-se gesto político. Tal condição permite a menção de que “a disseminação geográfica da cultura da memória é tão ampla quanto é variado o uso político da memória” (Huysen, 2000, p. 16). Em tom mais crítico, quando os políticos se apropriam do fato ocorrido e aplicam decisões no caráter de ‘homenagens’ ou publicações referentes, como a mudança dos nomes de logradouros, pensando não tanto nas memórias envolvidas e nas sensibilidades do entorno local, mas no cálculo de ser bem-visto e bem-quisto pelo eleitorado. Certas cautelas são necessárias ao se observar as ações políticas²⁴ e seus gestos, pois “efemérides politicamente dolorosas” (Huysen, 2000, p. 14) demandam tal atenção. Um erro, por insensibilidade do gestor, e sua carreira política encerra-se prematuramente.

²³ Parecer nº 2981/2016, (2016, 21 de outubro). Denominação à rotatória. Câmara de Vereadores. <https://cordeiropolis.siscam.com.br/arquivo?id=34034&id=34034#:~:text=Trata%2Dse%20de%20assunto%20da,%2C%20cemite%C3%A9rios%2C%20pres%C3%ADdios%20e%20escolas.>

²⁴ Como referência, o túnel acústico que se chamava Lagoa-Barra, passou a ser chamado Rafael Mascarenhas, filho da atriz global Cissa Guimarães, que foi atropelado, cujo motorista sequer parou para prestar socorro. Não é possível comparar dores e sofrimentos nem julgar as vidas ausentes, porém vale mencionar que tantas pessoas foram vítimas de algum tipo de crime em 2010, por exemplo, por violências em favelas, e que e não contaram com tamanha projeção ou homenagem.

À guisa de conclusão

Se não foi possível até aqui gerar, com os apontamentos e observações, uma empatia intersubjetiva entre o leitor e este texto, para com o fúnebre acontecimento social, memória traumática que se cristaliza no aqui do local sinistro, o presente artigo não logrou êxito. A sensibilização, a partir da proposta imputada nestas páginas, como mediação interpretativa, objetiva contribuir para que as intervenções urbanas que capturam as ausências sentidas não sejam lidas com atribuições estéticas. Imagina-se, nas entrelinhas, o espaço sendo percorrido por transeuntes/passantes que se detenham por um instante e, aspas, ouçam a imagem sentida, a dor que dela emana. O lamento dos mortos é seu clamor, dado pelos suportes artísticos. Nesse intento, acredita-se na função possível de gerir as memórias informadas, registradas, marcadas e imputadas no espaço público e comum, com uma ferramenta de interpretação ou de auxílio efrástico, para servir como um conhecimento de mediação cultural entre os passantes e as obras visuais que sustentam suas respectivas sensibilidades discursivas, pontuando as problemáticas, advindas, de forma crítica. Recupera-se na sentença anterior os três objetivos propostos ao início do texto.

Necessário indicar que a cidade do Rio de Janeiro parece contradizer a citação “crucial ausência de um espaço fúnebre tão necessário para alimentar a memória humana” (Huysen, 2000, p. 19), dada a quantidade de monumentos vernaculares que possui. É possível afirmar que a cidade é atravessada por dores, que figuram como verdadeiras escaras urbanas. Com outra metáfora: algo propício ao ambiente cemiterial vaza para o interior da viva urbe.

Como última questão, “é possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão” (Huysen, 2000, p. 19). A imprensa, em sua jornada de noticiar os fatos e as ocorrências, promove um direcionamento dos afetos envolvidos. Não apenas deve-se ter o cuidado no ‘como’ da notícia, mas também no ‘como’ do espectador que a recebe, no claro exemplo de causa e consequência.

Foram 12 adolescentes assassinadas, 12 crianças, 12 pessoas, com a potência inerente de longa vida adiante, o que promove o entendimento de vida inconclusa, vida interrompida. Assim, de algum modo trata-se de assegurar aquele contínuo que foi seccionado, espécie de curto-circuito, com a cristalização do nome da vítima em gestos de memória, que restará vinculado à sua biografia pregressa, constantemente lembrada pelas famílias e amigos próximas vitimadas.

O termo ‘mãe’ surge com o termo ‘filho’. No mesmo sentido, a vítima implica o vitimado. A morte implica a vida. Contudo, existem mortes e mortes e, na problemática da violência – e da violência contra jovens –, a dor dos enlutados soma-se com frustrações e raivas. É preciso estar atento e forte.



Ana Carolina Pacheco da Silva, 13 anos;
Bianca Rocha Tavares, 14 anos;
Géssica Guedes Pereira, 15 anos;
Karine Chagas de Oliveira, 14 anos;
Larissa dos Santos Atanásio, 13 anos;
Laryssa Silva Martins, 13 anos;
Luiza Paula da Silveira Machado, 15 anos;
Mariana Rocha de Souza, 13 anos;
Milena dos Santos Nascimento, 15 anos;
Samira Pires Ribeiro, 14 anos;
Igor Moraes, 13 anos;
Rafael Pereira da Silva, 14 anos.

E o implícito.

Referências Bibliográficas

Assmann, A. (2011). *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural* (P. Soethe, Trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Barthes, R. (2002). *Aula* (L. Perrone-Moisés, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1984).

D'Encarnação, J. (2010). *Epigrafia – As pedras que falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0186-1>.

Das, V. (2020). *Vida e Palavras: A Violência e sua Descida ao Ordinário*. São Paulo: Editora da Unifesp.

Ferreira, A. P. (2000). *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra].

Flusser, V. (2014). *Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum*. São Paulo: Martins Fontes.

Flusser, V. (2015). *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*. São Paulo: Martins Fontes.

Grider, S. (2011). Memorializing Shooters with Their Victims: Columbine, Virginia Tech, In: C. Sanchez-Cerretero & P. J. Margry (Eds.). *Grassroots Memorials: The Politics of Memorializing Traumatic Death* (pp. 108-142). New York: Berghahn Books.

Grisales, S. P. A. (2016, janeiro a abril). Fazer visíveis as perdas: Morte, memória e cultura material. *Tempo Social*, 28 (1), 85-104. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106009>.

Huyssen, A. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.



Jedlowski, P. (2003, janeiro a abril). Memórias. Temas e problemas da sociologia da memória no século XX. *Pro-Posições*, 14(1), 217-234. <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2187/40-traducao-jkedlowski.pdf>.

Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf.

Pollak, M. (2010, janeiro a junho). A gestão do indizível. *WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, 2(1), 9-49. <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/15543/9299>.

Santino, J. (2011). Between Commemoration and Social Activism: Spontaneous Shrines, Grassroots Memorialization, and the Public Ritualesque in Derry. In: P. J. Margry & C. Sanchez-Carretero (Eds.). *Grassroots memorials: the politics of memorializing traumatic death* (pp.97-106). Oxford, NY: Berghahn Books.

Santos, L. O. dos (2016). "Voltando a ser escola" – estudo de caso da tragédia de Realengo no município do Rio de Janeiro (RJ). [Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca]. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/tes-6881>.

Recebido em: 20 de junho de 2021

Aprovado em: 20 de julho de 2022

